

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. *Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**“A UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DE ERNESTO GUEVARA
PELA MÍDIA”**

COCHISEU
Correspondência Recebida
em 14 / 02 / 06
[Assinatura]

BENÍCIO LEMES DE AQUINO JÚNIOR

3228 (c)
S. 9

BENÍCIO LEMES DE AQUINO JÚNIOR

**“A UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DE ERNESTO GUEVARA
PELA MÍDIA”**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Doutorando Aguinaldo Rodrigues Gomes.

Uberlândia, Janeiro de 2005.

BENÍCIO LEMES DE AQUINO JÚNIOR

**“A UTILIZAÇÃO DA IMAGEM DE ERNESTO GUEVARA PELA
MÍDIA”**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutorando Aguinaldo Rodrigues Gomes - Orientador

Prof. Dr. Marcos Antônio de Menezes

Prof. Mestrando Miguel Rodrigues de Souza Neto

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais que tanto amo: Benício e Lourdes que, apesar de não terem estudado, lutaram juntos para darem estudo aos seus filhos e venceram a batalha, formando os três em Universidade Federal. São dois guerreiros! Sem aqueles puxões de orelha, com certeza, não teria chegado até aqui. Valeu demais!!!

Agradecimentos

À todos que contribuíram de alguma forma em minha graduação ao longo destes cinco anos, como o secretário João Batista, sempre disposto a ajudar nos momentos em que procurei, e à maluca da Michele, valeu pelo scanner. Ajudou bastante.

Ao meu orientador Aguinaldo que, se mostrou desde o início do curso, não só um professor, mas um colega de bar, dando liberdade para expressar opiniões e tratando os alunos de igual para igual e, é claro, por ter a coragem de me orientar. Valeu!!!

À galera do trabalho, sempre me apoiando nas investidas historiográficas: Eduardo me liberando aos congressos, as colegas Anelise, Elisane e Kellen procurando material para pesquisa, Sandríssima na correção do resumo e, Fernandinha e Cãozinho na correção do 2º capítulo, valeu pela ajuda.

À galera da antiga “Museu, bons tempos aquele” cada um seguiu seu caminho, Thiagão grande biólogo, Roberto o cozinheiro, Deivid o engenheiro e Magrelo agrônomo e irmão de existência, valeu pelas colas e cada um segue a sua história.

Àos meus irmãos Renato: o cabeça da família, exemplo de homem e marido, me orgulho de você e Elvis: o (My Brother), companheiro de cachaça e parceiro em todas as horas, amo vocês.

Às minhas cunhadas Lianza, sempre tão trabalhadora e comprometida em suas ações, valeu na ajuda do *scanner*, “agora falta um sobrinho”, e Carla (cabecinha), pela sua ajuda na formatação e o apoio nos momentos difíceis, à minha irmãzinha. Valeu!!!

À galera da faculdade que me iniciou no álcool, Anderson, Lucimar, Marlon, Elmiro, Geraldo, Marcondes, Jarbas, Rogério, Wilimar e Jovaine aprendizado que seguirei, até a cirrose, valeu!!!!!!!

À turma do exército vermelho, sempre tão vibrante e comprometida em terminar todos os jogos independente do resultado em uma mesa de buteco.

Aos amigos que me apoiaram no final dessa difícil trajetória em terminar a monografia, me levantando para não desistir dos objetivos: Flávio companheiro que conheci, e amizade que levarei para vida toda, Cristiano (Cão) parceiro para todas as horas e Sandro eterno padrinho, sem vocês esse trabalho não estaria pronto, Obrigado a todos.

Não poderia deixar de agradecer uma pessoa que apesar de não estar ao meu lado hoje, assistiu a todos os meus cinco anos , e me ajudou nos momentos mais difíceis; cirurgia, doença, trabalhos e claro na correção de grande parte da monografia. Cecilia esteja onde estiver, quero que saiba que você tem o meu eterno carinho, hoje e sempre. Valeu pelos anos felizes.

Não poderia deixar de agradecer e homenagear, é claro, à minha “mochila”, que me garantiu várias presenças, sem ela não conseguiria formar em cinco anos, essa formatura é nossa.

Resumo

Esse trabalho baseia-se na constatação da utilização da imagem de Guevara pela mídia. Para tanto, aborda-se os vários mecanismos utilizados para o uso da fotografia tirada pelo fotógrafo cubano Alberto Korda e sua propagação mundial. Finalmente, apresenta-se nesse estudo as visões de diversos autores a respeito da fotografia, visando o entendimento de todo o processo de inclusão desta na sociedade por vários âmbitos, se atendo, principalmente ao mercadológico.

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo 1: O Surgimento de Guevara e o Papel de Alberto Korda.....	12
Capítulo 2: O Estudo da Fotografia e sua Importância na História.....	26
Capítulo 3: As diversas possibilidades de se ver Guevara.....	35
Considerações Finais.....	46
Bibliografia	48

Introdução

O objeto de pesquisa é Ernesto Guevara, o qual será analisado por meio de fotografia. Para ter-se uma análise mais centrada em fatos, ou seja, pautada em argumentos históricos, faz-se necessário uma análise de sua personalidade na tentativa de entender a construção de sua imagem em vida, como sendo, um revolucionário ou um rebelde de várias gerações criado pela indústria cultural que, Theodor Adorno a considera:

“Na medida em que neste processo a indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; acessório de maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de se fazer crer, ele não é sujeito desta indústria e sim objeto.”¹

Esse é bastante relevante para o campo da história e imagem e que me chama a atenção desde os primeiros anos de graduação. O estudo da possibilidade de manipulação de imagens é pouco explorado pelos historiadores, propiciando um caminho mais sinuoso, porém, com mais detalhes, possibilitando várias interpretações pautadas em argumentações sólidas.

Filho mais velho de uma família de origem aristocrática de proprietários de terras, Ernesto Guevara, já em sua infância, tinha uma imensa facilidade em socializar com os amigos e no colégio, destaca-se como um grande enxadrista, namorador atrevido e divertido e, não tendo ligação com movimento estudantil.

Ao ingressar na luta revolucionária, Guevara passa a ser bastante disciplinador, porém, flexível em suas decisões, como conta Carlos Rafael um dos guerrilheiros que serviu Guevara em Cuba:

“Dava o exemplo e por isso se impunha. Sempre comia a mesma quantidade que os homens, e sempre depois que todos tivessem comido. Dormia pouco e atirava bem. Se surgia um rio a transpor, era o primeiro a entrar na água e o último a sair. Queria saber dos problemas de cada um e para cada um

¹ COHN, Gabriel. (org) & FERNANDES Florestan. **ADORNO, T. W.** (Coleção Grandes Cientistas Sociais) São Paulo: Ática, 1986,p.92.

tinha uma palavra de conforto. Fez de uma tropa heterogênea, com quase noventa guerrilheiros, um grupo unido.”²

Com depoimentos como esse que se depara, nas análises de Guevara ainda em vida na construção de sua personalidade para com os companheiros de luta, só me incita ao questionamento se a sua personalidade foi criada pela mídia após a sua morte, ou se já tinha todos os predicativos de um líder impecável ou as duas situações em conjunto, já que um cidadão latino americano engajado no movimento revolucionário e pronto para lutar pelo que acreditava, possa ser um dos motivos para a utilização de sua imagem porém, no momento, não passando apenas de especulação.

Para aumentar ainda mais a quantidade de pessoas que utilizam a sua imagem para se beneficiar, agora nas eleições municipais de 2004 em Uberlândia, no estado de Minas Gerais, um dos candidatos a vereador pelo PT (partido dos Trabalhadores), Elismar Prado, utilizou a imagem de Guevara como base, para transpor o seu próprio rosto passando um ar de guerrilheiro ou, quem sabe, de um revolucionário preocupado com as causas sociais, já que o candidato é diretor da UNE (União Nacional dos Estudantes) e colaborador da UESU (União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia), voltado ao público jovem. Levando-se em consideração este candidato foi eleito com a maior votação da cidade, apesar de em seus espaços nos horários políticos, não proferir nenhuma palavra, apenas utilizando-se de sua imagem imponente acompanhada por uma música Jingle: “13913 Elismar Prado”.



Fatos como este, aumentam a curiosidade para tentar entender como se deu o surgimento de sua fotografia e seu desenrolar do processo.

² CAROS AMIGOS. A Vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo, edição especial, agosto de 2000, p.14.

Para aprofundar nesse assunto, é bastante relevante saber da importância entre história e imagem, evitando um paralelo entre ambas as áreas, mas sim, tratando como uma relação interdisciplinar, em perfeita sintonia. Cabendo entender-se as intenções de cada imagem, sempre associando-a ao seu contexto histórico, assim como já dizia Walter Benjamin, que, tais imagens buscam não apenas expressar as circunstâncias históricas vividas, como também, transformar a sociedade por meio da utilização destas pela mídia. E em alguns casos que a própria imagem é mais valorizada ou forte que a história, como diria Altamira: “Parece-me que com o Che ocorre o contrário: impressionou tão vivamente, não apenas os trabalhadores, revolucionários e socialistas, mas também a opinião pública mundial, que ninguém pode deixar de reivindicá-lo de alguma maneira.”³

Isso mostra que, independente do grau de utilização de um ou de outro, ou seja, que a sua relação existe e que, cabe análise ou a historicizar os fatos, não negando nenhuma possibilidade ao se fazer a história.

Para dar prosseguimento ao trabalho em questão, analisar-se-á o uso da imagem de Guevara pela mídia, usando a fotografia histórica tirada por Alberto Korda em 1960, em Cuba, e ainda, as diferentes formas que essa imagem é aplicada pela mídia em determinados momentos.

O 1º capítulo apresenta quem foi Guevara, como surgiu o revolucionário, como era a sua personalidade, vista pelos que conviveram ao seu lado, como foi a sua politização e, num segundo momento apresentar-se-á o fotógrafo Alberto Korda, autor da célebre fotografia, tentando buscar quem foi, quais foram as suas influências, a sua contribuição para essa consagração e quais foram as intenções.

No 2º capítulo, serão apresentados teóricos que, trabalham com a relação história e imagem, como John Berger, o qual trabalha com a intenção das imagens e suas multiplicações. Outro autor que merece destaque é o historiador e crítico Boris Kossov que, valoriza o estudo da história da fotografia como um importante objeto de pesquisa. E, também, o escritor e jornalista Alain Jaubert que, trabalha com as falsificações fotográficas ao longo da história. E um segundo momento, será apresentada a forma que, Alberto Korda, analisa e alega ter tirado a fotografia.

³ ALTAMIRA, Jorge. Che Guevara na História, in: *Revolução Cubana: Histórias e Problemas Atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p.201.

No 3º capítulo, será demonstrado como a mídia apropria-se de sua imagem como diria Benjamin(1970): “Todas as reproduções distorcem mais ou menos e que portanto a obra original é ainda, de certo modo única.”⁴

E as diversas denominações dadas, a fotografia tirada por Alberto Korda, abordando também, quais foram os meios utilizados para tal aparecimento, como foi o único dinheiro que o autor recebeu e seu processo de despolitização (esvaziamento político), ou seja, far-se-á um balanço de sua inserção mercadológica e de fácil comercialização, tanto em lojas quanto por meio da Internet, tornando-se uma mercadoria qualquer, com um alto nível de aceitação pela população.

⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na Era de sua Reprodução Mecânica. Coleção Illuminations, Cade, Londres,1970,p.32.

Capítulo 1: O Surgimento de Guevara e o Papel de Alberto

Korda

Nascido na Argentina, Ernesto Guevara teve uma infância turbulenta devido a problemas de saúde. Ele era asmático e passava grande parte do tempo em repouso, procurando conter as crises incessantes, por isso, a família fez várias mudanças de cidade para encontrar um clima mais propício ao filho, até que chegaram em Alta Garcia, uma região serrana de Córdoba, onde se estabeleceram para que o filho crescesse em condições mais favoráveis.

Todavia, a doença não impediu Ernesto de praticar esportes. Jogou rúgbi no colégio, tênis, golfe, se dedicou à natação por ordens médicas para melhorar os pulmões, e, por isso, demonstrou-se um ótimo nadador, uma vez que, tempos mais tarde, quando estava em combate, era o primeiro a entrar e o último a sair nas travessias de rios, além de sempre dar suporte a seus soldados nesse sentido.

Foi criado em um ambiente totalmente politizado. Seu pai chegou a fundar a Ação Argentina, uma organização anti-fascista contra a Guerra Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, a qual deu abrigo aos fugitivos de guerra, realizou comícios contra o nazismo, levantou fundos em favor dos aliados e fez um trabalho de combate a infiltração de nazistas na Argentina, esse grupo monitorava todas as atividades suspeitas, principalmente as comunidades alemãs de Córdoba e o vilarejo do vale Calamuchita, localizado perto de Alta Gracia por ser o maior reduto de imigrantes do local, e Ernesto sempre procurou ajudar seu pai, como pode ser lido neste trecho: “toda vez que havia um ato organizado pela ação Argentina ou que tínhamos de fazer uma averiguação importante, Ernesto me acompanhava.”⁵

Assim, passou grande parte de sua infância convivendo com reuniões políticas ao lado do pai. Aos dezoito anos a asma fez com que fosse dispensado das forças armadas peronistas, o que acabou sendo uma vitória, pois a sua família era totalmente anti-peronista. Tinha a intenção de fazer engenharia, mas após ter presenciado todo processo de angústia de sua avó Ana Isabel, então com 96 anos que sofrerá um derrame que era muito ligado a ela, opta por seguir carreira na medicina, declarando mais tarde suas ambições: “Sonhei em me tornar um pesquisador famoso (...), trabalhar

⁵ CASTAÑEDA, Jorg G. Che Guevara A Vida em Vermelho. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 30.

infatigavelmente para descobrir algo que pudesse ser posto de forma definitiva à disposição da humanidade.”⁶

Além da afinidade com a avó, Ernesto também era muito apegado à mãe, tinham uma relação bastante íntima, como pode ser lido em sua biografia: *A vida em vermelho* (1997) “ A simbiose entre Célia e o Che, que alimentaria a correspondência, a existência afetiva e a própria vida de ambos durante os trinta anos seguintes”.⁷

Em 1949, aos 21 anos, Guevara desenvolve e constrói uma motocicleta motorizada e resolve conhecer o norte argentino, o que foi o início de seu fascínio pelas viagens, hábito que perdurou até sua morte. No ano seguinte, inscreveu-se como voluntário de enfermagem da marinha mercante de seu país, viajou em petroleiros e cargueiros para diversos países, chegando a passar inclusive pelo Brasil. No início de 1952, Ernesto planeja ao lado de seu amigo de infância Alberto Granado, uma viagem de motocicleta pela América Latina, que acabou durando oito meses e percorrendo cinco países, o que contribuiu para romper totalmente com seus laços nacionais. Vale ressaltar que, no início, a viagem não possuía outra intensão senão a de aventurarem-se por locais desconhecidos, como pode ser visto no filme *Diário de Motocicleta*, do diretor Walter Salles lançado em 2004, porém, a viagem mudou totalmente a visão dos dois aventureiros, pois passaram a enxergar as diferenças e as injustiças sociais existentes na América Latina, conheceram mineiros comunistas, indígenas e trabalharam como voluntários num leprosário do Peru às margens do rio Amazonas, experiência única, relatada por Alberto Granado, que foi marcada também pelo primeiro diário de viagem escrito por Guevara, hábito que não mais abandonara em suas longas viagens.

Diante de todos esses acontecimentos vividos durante a viagem, ficou claro o impacto e a importância da mesma na vida de Alberto Granado e, sobretudo de Ernesto Guevara, o que pode ser visto na reportagem de Granado ao *Fantástico* em 2004: “tudo que tinha lido do homem pelo homem era pequeno diante do real”⁸

⁶ ANDERSON, John Lee. *Che Guevara Uma Biografia*. São Paulo, Objetiva, 1997, p.61.

⁷ CASTAÑEDA, Jorg G. *Che Guevara A Vida em Vermelho*. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 24.

⁸ FANTÁSTICO: Rede Globo de Televisão. Reportagem concedida em agosto de 2004, por Alberto Granado.

Após aquela viagem Ernesto percebeu que teria que exercer uma “medicina política”⁹, que consistia em curar os males da sociedade, por meio de ações políticas voltada ao social e a saúde dos menos favorecidos, e assim como se deu com Granada, seu olhar diante do mundo nunca mais seria o mesmo. Chegou a escrever em seu diário de viagem “não sou o mesmo de antes”¹⁰ e, ao retornar a Argentina, concluiu a universidade, porém passou a encarar as coisas com um olhar social, passou a se preocupar com os problemas do mundo.

Durante todo esse período, com todas as experiências vividas e as dificuldades enfrentadas, Ernesto Guevara moldou a sua personalidade. Antes era um adolescente asmático, também visto pelos amigos como sendo escandaloso e irreverente, mas ao mesmo tempo valente e um exemplo dessa valentia foi o que fez para entrar na equipe de rúgbi do colégio: Guevara teve que saltar um obstáculo três vezes, e todos duvidavam por ser de baixa estatura e asmático, mas Ernesto não desanimou e saltou várias vezes, o que demonstrou sua capacidade de persistir diante das adversidades, como explicou seu amigo Granada no documentário Biografia apresentado no canal Mundo. Mais tarde tornou-se um jovem consciente, preocupado com as injustiças sociais existentes no mundo e com muita vontade de fazer, agir para mudar a situação.

Durante a pesquisa descobrimos que várias foram as ações que Ernesto Guevara realizou, além dos muitos relatos de amigos que o admiravam, e tudo isso contribuiu para a construção de sua imagem ainda em vida, ou seja, a admiração daqueles que o conheceram e que com ele conviviam estava explícita. Alguns dos fatos que contribuíram para a formação de sua imagem merecem destaque, como por exemplo, os relatos de Ovídio Díaz Rodriguez, hoje presidente da Associação de Combatentes da Revolução Cubana e membro da mesma companhia de Ernesto, quem citou que os combatentes passavam fome, e quando encontraram um sítio com alimento, não conseguiram ajuda imediata, só depois de Guevara conversar com o dono da propriedade e deixar um documento com a promessa de que após a concretização da revolução o proprietário seria ressarcido é que conseguiram autorização para o abate do gado. Vale ressaltar que essa política tinha sido traçada por Fidel e Guevara que haviam

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

se conhecido no México, apresentados pelo então líder estudantil cubano recém libertado da prisão Raúl Castro, irmão de Fidel. Relatos de fazendeiros lidos em fontes comprovam que tal medida foi cumprida, e que após a vitória na revolução, foram todos pagos e agradecidos, pois mesmo que indiretamente contribuíram para o êxito da revolução.

Outro acontecimento que merece destaque é a forma com que agiu ao render os soldados do ditador Fulgêncio Batista, Guevara desarmou todos e os libertou, apesar de Fulgêncio, presidente que governou Cuba de 1934 a 1958, receber apoio e aprovação dos E.U.A em função das empresas norte americanas instaladas na ilha e exercer forte repressão aos movimentos de esquerda.

Também importante foi a tentativa de tomada do quartel Moncada por um grupo de jovens nacionalistas liderados por Fidel Castro que desejavam iniciar a revolta popular. Tudo acabou dando errado e o movimento foi batizado de movimento revolucionário 26 de Julho.

Ovídio se recorda de um episódio ocorrido em Camaguey, próximo a Sierra Maestra, em que uma guarnição do governo estava cercada e Guevara entrou desarmado para conversar com o comandante inimigo, pouco depois saiu com todos rendidos e desarmados, na ocasião foi questionado o porque de deixá-los soltos, já que a próxima batalha seria na cidade vizinha, e a resposta dele foi a seguinte: “Deixa. Quando eles chegarem lá, os outros soldados saberão que serão bem tratados e nós iremos lutar menos”¹¹ e realmente, quando chegaram em Placeta, a cidade havia sido ocupada sem resistência das tropas do governo, com isso Ovídio concluiu que: “com atitudes desse tipo, ele conquistava o coração do povo”¹²

Outra atitude que Ovídio lembra com emoção era a relação de dureza e ternura que Ernesto demonstrava em suas ações, o que ele exemplifica relatando o momento em que chegaram em um vilarejo e se depararam com o caso, em que um camponês adepto do governo do ditador Batista, por um motivo qualquer, tinha chicoteado outro camponês, todos acharam que ele seria executado, porém Ernesto descobriu que o mesmo tinha oito filhos para criar, então lhe deu um sermão em praça pública e

¹¹ CAROS AMIGOS. Vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo: Edição Especial, agosto de 2000, p.14.

¹² Ibidem, p. 14.

comunicou que em no máximo oito meses a justiça revolucionária triunfaria e tal atitude não mais seria tolerada.

Outro depoimento que merece destaque é o do “Pombo” General Harry Vilejas ao documentário Biografia apresentado no canal Mundo, no qual comenta a ruptura de Guevara com seus velhos conceitos, ideais e desejos. Já na primeira batalha em Sierra Maestra, na qual em meio ao tumulto não sabia se carregava sua maleta médica ou uma caixa de balas, opta é claro, pela caixa de balas, que não largaria mais, colocando a medicina em segundo plano. O mesmo documentário mostra o depoimento de Jon Lee Anderson, autor de sua biografia considerada como a mais vendida no mundo, e que foi lançada em 1997 em comemoração aos 30 anos de sua morte. Ele afirma que quanto mais tempo os guerrilheiros passavam ao seu lado, aumentava ainda mais a sua imagem perante os cubanos, pela sua austeridade e seu desprendimento diante das dificuldades na guerrilha, além disso, todos o viam como um argentino que estava pronto para morrer pelas causas do povo cubano.

Como um homem que sempre buscou o conhecimento, Ernesto não se viu satisfeito em ver soldados parados em Sierra Maestra, e logo criou um pequeno hospital, um açougue, uma fabriqueta de charutos e uma escola, para que todos fossem alfabetizados, principalmente os de sua coluna, da qual tinha se tornado o comandante, promovido após ter vencido a batalha de Uvero em 1957. Fidel justificou à tropa tal decisão: “o argentino destacou-se não só na batalha, mas também no atendimento dos feridos, tanto entre os seus homens como entre os inimigos”¹³. Condecorado por Fidel Castro, a promoção lhe rendeu a famosa estrela na boina.

Um outro depoimento que é de suma importância para tentar entender Guevara e sua personalidade, seria o do comandante Fidel Castro que o conheceu em 1955, no México, apresentado pelo seu irmão Raúl Castro, de quem tornou-se um grande amigo e ao seu lado, o líder mais importante da Revolução Cubana: “o desenvolvimento revolucionário (do Che) estava mais avançado que o meu, ideologicamente falando. Do ponto de vista teórico, tinha uma formação melhor, era mais revolucionário que eu”¹⁴

¹³ CASTAÑEDA, Jorg G. Che Guevara A vida em vermelho. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 129.

¹⁴ FIDEL CASTRO, em Lockwood, Castro's Cuba, Cuba's Fidel, Nova York, Mcmillan company, 1967, p.143-4.

Este depoimento, um dos muitos outros que existiram, foi feito apenas dez anos mais tarde, e essa foi sua visão do primeiro dia em que conversaram, porém creio que tão mais importante foi seu discurso feito no velório solene em memória de Guevara, lido na praça da Revolução em Havana no dia dezoito de outubro de 1967, o qual, com palavras de carinho e de confirmação de sua importância, emocionou a muitos e os levaram a se solidarizarem com o ocorrido, como podemos ver em um trecho:

“é por isso, companheiros e companheiras da revolução , que devemos encarar com firmeza e decisão o porvir. E buscaremos sempre no exemplo do Che a inspiração, a inspiração na luta, a inspiração na tenacidade, a inspiração na intransigência ante o inimigo e a inspiração no sentimento internacionalista!”¹⁵

O então médico passou a não mais se ver preso em um hospital, e logo ao voltar da viagem de motocicleta que fez ao lado de Alberto Granado, concluiu o curso de medicina na universidade de Buenos Aires e foi para a Guatemala, o que, como muitos autores escrevem, foi o marco decisivo para a sua politização e foi também onde conheceu Hilda Gadea, uma militante peruana que mais tarde se tornou a sua primeira esposa. Muitos autores alegam que o casamento ocorreu devido ao fascínio de Guevara a Hilda pelos seus ideais políticos.

Chegando ao país, logo deu o seu apoio ao regime esquerdista de Jacobo Arbenz, que ao tocar nos interesses financeiros da empresa United Fruit Company logo foi esmagado por um golpe apoiado pela Cia, por ser um governo ainda fraco não resistiu a pressão, porém Guevara se revoltou com a morosidade dos governantes, como pode ser visto: “Guevara, em boa medida com razão, atribuiu a derrota de Arbenz à falta de unidade das forças progressistas do país, à sua carência de decisão e liderança e a duplicidade das forças armadas diante da investida violenta dos Estados Unidos”¹⁶

A derrubada do poder consolida as suas convicções, de que o único antídoto para enfrentar o sistema seria o socialismo. Lembrando que, em 1955 Guevara ainda era um leitor esporádico dos textos marxistas, como mostra em sua biografia A vida em Vermelho: “antes eu me dedicava precariamente à medicina e passava o tempo livre estudando são Karl (Marx) de uma maneira informal”¹⁷.

¹⁵ GUEVARA, Ernesto. Escritos y Discursos, editorial de Ciências Sociales, Havana, 1977, p. 24.

¹⁶ CASTAÑEDA, Jorg G. Che Guevara A Vida em Vermelho. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 92.

¹⁷ Ibidem, p. 107.

Tendo que enfrentar o sistema por meio da revolução armada e radical, saiu da Guatemala totalmente politizado e solidário aos problemas mundiais decidido a pegar em armas. Em 1956 parte ao lado de Fidel Castro e de mais oitenta e um homens, abordo do iate Granma, com o intuito de derrubar o governo do ditador cubano Fulgêncio Batista, enfrentando um forte ataque na chegada e grandes baixas no exército revolucionário, como diria Guevara mais tarde: “um desembarque? Foi um naufrágio! Diria Che mais tarde, com seu humor sarcástico...”¹⁸

Porém, se recompôs com o tempo vencendo algumas batalhas e ganhando do povo o respeito, pois estavam cansados de servirem de quintal dos E.U.A e, no dia primeiro de janeiro de 1959, o exército chegou em Havana e o então presidente, fugiu para República Dominicana, e o governo revolucionário assumiu o poder, até nos E.U.A a vitória foi festejada, como podemos ver: “Naquele momento, para o público americano, Fidel ainda era o belo Robin Hood romântico, que derrotara o malvado Batista...”¹⁹

Logo após o termino da Revolução Cubana, Guevara continuou a exercer um grande papel político a Cuba, foi designado por Fidel a participar de todos os julgamentos e execuções feitas contra os apoiadores de Fulgêncio Batista, sendo o promotor supremo, chegando a gerar várias interpretações por parte de seus biógrafos, visto nesse trecho:

*“Existem várias interpretações sobre o papel do Che nos fuzilamentos de La Cabaña. Alguns biógrafos que pertencem à oposição anticomunista no exílio acusam o argentino de apreciar as cerimônias fúnebres e realizá-las com deleite, mesmo reconhecendo que as ordens vinham de Fidel Castro. Outros relatam que Guevara sofria com cada justicamento e perdoou a quantos pôde, embora não vacilando em acatar as instruções quando estava convencido delas. José Castaño Quevedo, o chefe da repressão anticomunista de Batista, cujo indulto foi pedido pela igreja e outros setores da sociedade Cubana, mesmo assim foi fuzilado sem delongas pelo Che.”*²⁰

Mesmo com todas as dúvidas em relação a quantidade de execuções e os seus reais motivos, não se pode esquecer que Guevara em momento algum poupou a traição ou foi contrário a pena de morte, como podemos ler em uma de suas biografias:

¹⁸ LOVINY, Christophe & Silvestri-Lévi, Alessandra. Cuba por Korda. 1ª edição. S.P.: Cosac&Naify, 2004. P.

¹⁹ Ibidem, p. 68.

²⁰ CASTAÑEDA, Jorg G. Che Guevara A Vida em Vermelho. São Paulo. Cia das Letras, 1997, p. 172.

“Também é certo, contudo, que o Che não tinha maiores dúvidas existenciais sobre o recurso à pena de morte, ou a julgamentos sumários e coletivos. Estava disposto a dar a vida por seus ideais, e julgava que os demais deviam fazer o mesmo. Se a única maneira de proteger a Revolução era fuzilando delatores, inimigos e conspiradores, nenhum argumento humanitário ou político poderia dissuadi-lo.”²¹

Ao mesmo tempo em que exercia essa função de promotor supremo, Guevara tentava ao lado de Raúl Castro os únicos que não receberam cargos do auto escalão, em fortalecer as relações com o PSP (Partido Socialista Popular), com a esperança de não chamar a atenção e ter um confronto prematuro com E.U.A, pois a relação dos socialistas com a guerrilha era bastante espinhosa, por isso, o receio de tomarem logo de início posturas drásticas, o próprio Guevara era um crítico ferrenho as posturas socialistas, como podemos ver: “Os comunistas são capazes de formar quadros que se deixam dilacerar na obscuridade de um calabouço sem dizer uma palavra, mas não de criar quadros que tomem de assalto um ninho de metralhadora”²²

Exercendo o papel de “Comandante de La Cabaña²³”, Guevara cria cursos aos militares, com intuito de elevar o nível cultural do exército, proibiu as rinhas de galo e em seu lugar organizou aulas de xadrez, promoveu exposição de artes, usou as fortalezas criada por Fulgêncio Batista, para trancafiar presos políticos, como escolas e salas de cinemas e passou a colocar membros do PSP, como diretores de escolas para fortalecer o regime, claro após negociações.

Já, em Novembro de 1959, com as negociações com o PSP mais sólidas, Fidel Castro nomeia Guevara diretor do Banco Nacional de Cuba, dando toda a responsabilidade econômica da ilha em suas mãos, mesmo sabendo que não tinha muita experiência, como podemos ver: “Fidel Castro sabia perfeitamente que o Che tinha pouca ou quase nenhuma experiência em economia, mas os economistas à disposição não mereciam a sua confiança. Das pessoas confiáveis, o Che era quem tinha maiores conhecimentos de economia.”²⁴

No seu cargo como diretor do Banco Nacional, Guevara estreitou a relação de Cuba com a U.R.S.S, sendo chefe da delegação que fechou o acordo da compra de 1.2 milhões de açúcar com os russos, e os outros 1.8 milhões de toneladas pelos outros

²¹ Ibidem, p. 173.

²² ANDERSON, John Lee. Che Guevara Uma Biografia. São Paulo, Objetiva, 1997, p. 200.

²³ Ibidem, p. 449.

²⁴ CASTANEDA, Jorge G. Che Guevara A Vida em Vermelho. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p 200.

países socialistas, já que os E.U.A não mais compraria seus produtos. Participou também de um congresso comunista, como podemos ver: “Durante sua estadia em Moscou, celebrou-se o Congresso dos 81 Partidos Comunistas, procedentes do mundo inteiro, no qual chineses e soviéticos se empenharam em uma luta fratricida e irreversível”²⁵

Voltando a Cuba, Guevara em cadeia nacional explica a sua ausência e o porque de sua demora na U.R.S.S, apresentando os acordos a população e os benefícios que trariam, tendo um discurso bastante convincente, superado apenas por Fidel Castro, já que tinha uma ótima persuasão, segundo relatos de suas biografias e ouvintes.

Com o passar do tempo, Guevara passou a enxergar as dificuldades que o país tinha em sua produção de açúcar, a falta de mão-de obra para dar conta das exportações, com isso, estimulou a prática do trabalho voluntário, todo domingo Guevara, mesmo sendo ministro enfrentava os canaviais, com o trabalho braçal, como nota-se: “Ele mesmo carregava sacos de açúcar, tirava a camisa como um operário qualquer, e ensinava as pessoas a usar as máquinas da usina, ou construir uma escola, ou cortar cana, e assim instituiu em Cuba o trabalho voluntário.”²⁶ chegando ao lado de um engenheiro Francês, que morava em Havana a inventar uma máquina de cortar cana.

Outra ação que merece destaque, foi o incentivo moral que ele implantou na ilha, para que as pessoas dessem o máximo de si em suas tarefas, que teria como reconhecimento: medalhas, diplomas e outros. Para todos sentirem-se satisfeitos como cidadãos, ajudando o país em seu desenvolvimento, como podemos ver:

“os estímulos morais cumpriam, assim, o papel de criar um espírito de grupo e uma consciência da importância de cada trabalhador na construção do socialismo. Esse ímpeto revolucionário, premiado com bônus, medalhas e diplomas, seria valorizado em todo o país e induziria outros a seguir o exemplo dos proletários mais dedicados.”²⁷

Quando me proponho a trabalhar com a imagem de Ernesto Guevara, diretamente é preciso falar de Alberto Diaz, que ficou mais conhecido mundialmente

²⁵ Ibidem, p. 214.

²⁶ CAROS AMIGOS. Vida e Morte de Um Mito. Casa Amarela, S. P.: Edição Especial, agosto de 2000, p. 9.

²⁷ COGGIOLA, Osvaldo. Revolução Cubana: História e Problemas Atuais. São Paulo, Xamã, 1998, p. 104.

pelo nome de Alberto Korda, o autor da foto mais reproduzida no mundo de Guevara; “clichê mais reproduzido da história da fotografia”²⁸

Korda era estudante de um colégio protestante, localizado no subúrbio de Havana, que era considerado um prestigioso estabelecimento escolar. Foi nessa época que Alberto apaixonou-se por fotografar a beleza feminina, isso por volta de 1950, porém como todos os outros amigos, iniciou sua carreira como lambio, aqueles que tiram fotos em casamentos, batismos ou banquetes, retornam ao estúdio para revelar os filmes, e logo em seguida voltam ao evento para vendê-las. Mais tarde abriu um estúdio, começou a fotografar o mundo da moda, e como ninguém fazia este gênero em Cuba, logo tornou-se o pioneiro. Também deu início à fotografia publicitária, tendo como sua musa inspiradora, Natália Mendez, também chamada de Norka, quem chegou a desfilarem em Paris para Dior, uma das grifes mais famosas do mundo, e logo se tornou sua esposa,

Com a concretização da revolução cubana, seu futuro foi modificado, pois foi chamado para fazer parte da equipe do novíssimo jornal *Revolución*, que dava muito espaço à fotografia. Lá ele expôs manchetes que serviam de anúncios para a mobilização da população e, o que contribuiu para sua decisão de fotografar a revolução, foi um acontecimento que Korda narrou em seu livro: fotografou uma garotinha abraçada a um pedaço de madeira, servindo de boneca, já que não a tinha, e a partir de então tomou sua decisão, como podemos ler e observar: “Percebi que valia a pena dedicar um trabalho à revolução que propunha a supressão de tais desigualdades”²⁹.

²⁸ LOVINY, Christophe&Silvestri-Lévi, Alessandra. *Cuba por Korda*. 1º edição. São Paulo: Cosac&Naify, 2004, p. 5.

²⁹ *Ibidem*, p. 26.



Foi feita uma expedição em 1962 para Sierra Maestra e precisavam de um fotógrafo que também soubesse redigir artigos, mesmo sem essas qualidades prontificou-se imediatamente, como podemos ver: “Fidel me perguntou se eu já havia escrito. Disse que sim, uma enorme mentira, mas por nada no mundo eu perderia aquela expedição”³⁰.

Ao participar de toda a expedição, pode fotografar vários momentos de Fidel Castro, chegando a admirar a sua memória, por lembrar do nome de todos os camponeses e de vários caminhos e, o interessante de tudo isso, é que Alberto Korda nunca foi o fotógrafo oficial da revolução e nem de Fidel, foi só após ter recebido uma fotografia de presente de Alberto, que Fidel passou a mandar chamá-lo pessoalmente, o que pode ser visto neste trecho:

“a partir do dia em que a ofereci a Fidel, nunca mais ele me mandou chamar no jornal. Fazia que me contratassem diretamente mas não me tornei seu fotógrafo oficial. Não: era seu fotógrafo pessoal. Nunca tive cargo nem salário. Éramos como dois amigos”³¹

³⁰ Ibidem, p. 34.

³¹ Ibidem, p. 74.

Essa amizade e a proximidade de Alberto Korda dos muitos momentos importantes da revolução, o consagrou como fotógrafo em nível mundial, especialmente com a foto que tirou de Ernesto Guevara e que ainda hoje pode ser encontrada estampada em vários lugares e em vários países do mundo. A foto foi tirada em uma solenidade enquanto Fidel Castro fazia um pronunciamento, em homenagem às oitenta e uma pessoas que morreram em um atentado ocorrido contra um cargueiro francês da Companhia Geral Transatlântica, o La Coubre, que transportava a segunda arremessa de munições, comprada na Bélgica.

Fidel acusou a CIA do ato e o atentado chegou a ser fotografado. Após as explosões o fotógrafo Gilberto Ande, da revista Verde Olivo, fotografou Guevara ajudando os sobreviventes, porém Guevara proibiu as fotos de serem publicadas, por considerar vergonhoso para Cuba tais imagens.

Detalhando mais sobre a célebre fotografia, descobri que Alberto Korda estava no local a serviço do jornal *Revolución*, e que havia recebido ordens para que fotografasse todas as celebridades presentes no palanque, dentre elas merece destaque o casal francês Jean-Paul Sartre e Simone Beauvoir, que tinham chegado naqueles dias, pois vieram testemunhar a tal revolução que apaixonava o mundo.

O casal conversou com Fidel e, por volta de meia noite do mesmo dia, com Guevara. A entrevista ocorreu em francês, língua que tinha aprendido com a mãe e que sempre conversavam. Após Sartre tê-lo conhecido pessoalmente, ao ficar ciente de sua morte, fez uma declaração que logo mais tarde entrou para a história: “o Che foi o maior ser humano do século XX”³². E na sua volta à França, Sartre escreveu vários artigos e num desses concluiu que: “Cuba quer ser Cuba e nada mais”³³.

Foram duas fotografias tiradas, uma na horizontal que se tornaria a célebre foto, e outra na vertical, como podemos ler nessa narração, e vê-las abaixo: “Ao pé da tribuna, coberta com crepe preta, o olho fixado na minha velha Leica, eu metralhava Fidel e todos aqueles que o cercavam. De repente, através da objetiva de 90mm, surgiu Che. Seu olhar me espantou”³⁴.

³² COGGIOLA, Osvaldo. *A Imagem Atual de Che Guevara*. São Paulo, Xamã, 1998, p. 177.

³³ LOVINY, Christophe & Silvestri-Levi, Alessandra. *Cuba por Korda*. 1ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 76.

³⁴ *Ibidem*, p. 76.



Porém, na segunda aparecia uma cabeça por cima de seu ombro, e as duas foram ao mesmo tempo reveladas para o jornal, entretanto nenhuma foi selecionada naquela noite pela redação, e ficaram penduradas em seu estúdio.

A fotografia só foi utilizada um ano mais tarde, para servir de anúncio a um pronunciamento televisivo feito pelo comandante Guevara, e seu aparecimento em nível

mundial, só sete anos mais tarde. Quando em Cuba se perguntavam em que local estaria Guevara, já que não aparecia em público já há uns dois anos, poucos sabiam que estava promovendo a revolução em outros países, em alguns focos de guerrilha.

Primeiro no Congo, considerado por muitos autores como ano perdido, pois os soldados congolezes estavam mal preparados e Guevara os considerou preguiçosos e indisciplinados, logo em seguida na Bolívia, que não teve nenhum apoio do partido comunista local, e ainda sofreu forte repressão do governo local ao lado da Cia para capturá-lo. Com isso, um editor italiano Giangiacomo Feltrinelli, que estava a procura de um belo retrato de Guevara para uma reportagem, recebeu a indicação de uma amiga Haydée Santamaria, de que deveria procurar Alberto Korda em seu nome, e, quando o procurou foi presenteado com duas cópias. Alguns meses depois, foi declarado que Guevara tinha sido capturado e executado pelo exército boliviano com o apoio da Cia. Estava acabada sua trajetória de guerrilheiro em vida.

Depois de alguns meses, Fidel Castro enviou o diário da Bolívia de Guevara a Giangiacomo Feltrinelli, com a promessa de publicá-lo e reverter os lucros de sua publicação aos movimentos revolucionários da América Latina.

Após sua morte, sua fotografia tirada deitado no tanque na Bolívia com os olhos abertos, tornar-se-ia estandarte de revolta de toda uma geração que acreditava na revolução, porém logo depois de sua confirmação que Guevara estava morto, o editor imprimiu milhares de pôsteres com a foto feita por Korda, que foi difundida sem nenhum crédito de autoria. É válido lembrar que as aparições de Che Guevara como um símbolo de rebeldia e contestação, apareceram pela primeira vez na Itália, como pode ser visto nesta citação: “Os estudantes milaneses serão os primeiros a levantá-lo bem alto em suas manifestações, com esta legenda: “El Che Vive”³⁵.

Posteriormente, sua imagem passou a aparecer em todas as manifestações, como símbolo de luta e rebeldia.

³⁵ *Ibidem*, p. 156.

Capítulo 2: O Estudo da Fotografia e sua Importância na História

Para se trabalhar com fotografias, faz-se necessário o suporte teórico de alguns autores para dar sustentabilidade às argumentações e ao próprio conteúdo trabalhado.

Para o entendimento é interessante saber o significado de uma fotografia, segundo o especialista e fotógrafo, José Miguel Arias Neto: “...do ponto de vista técnico pode-se dizer que uma fotografia é o resultado de processos químico-físicos que permitem a fixação de uma determinada imagem.”³⁶

Logo se vê, que partimos imediatamente a outro questionamento. Então, o que seria uma imagem? Pois, segundo José Miguel, temos o hábito de explicar quando mostramos álbuns de fotografias, o que seria totalmente incorreto. Pois, quando é gerado esse tipo de diálogo, não está acontecendo mais do que uma explicação detalhada da experiência vivida por alguém, conclui-se que: “... em uma foto a realidade não aparece tal qual ela é, ou em outras palavras, uma fotografia é o registro de determinada imagem de determinado instante da realidade.”³⁷

Podendo entender que em uma foto aparecem imagens (interpretações) das pessoas ou coisas, portanto quando se vê um retrato tem que saber muito bem que a pessoa não está ali, e sim a sua imagem registrada em um papel, sendo apenas um fragmento da realidade captado naquele dado instante do disparo da máquina.

Para José Miguel, são cinco passos a serem seguidos em uma análise fotográfica: conhecer o autor e em que local trabalha; datar a foto para se determinar a época; procurar saber qual foi sua real intenção na foto; o material e técnica utilizada; e é claro, a intenção do observador, para que seus objetivos possam servir de guia à sua análise. Todos esses pontos serão observados no primeiro capítulo, em que é feito uma análise do trabalho do fotógrafo Alberto Korda, para dar suporte às argumentações sobre os verdadeiros indícios e suas intenções sobre a fotografia analisada.

A autora Miriam Moreira Leite, trabalha com a contribuição da imagem fotográfica como fonte de uma documentação histórica, que vem possibilitar novas perspectivas em seu estudo. Com a criação de novas técnicas, o desenvolvimento de

³⁶ CF.: José Miguel Arias Neto. Disponível em <<http://www.escolas.com.br/historiaemfoco/hfoto.htm>>. Acesso em 4 de novembro de 2003.

³⁷ Ibidem, p. 2.

quem as utiliza, vem expandindo suas áreas de ação como fonte documental, como verifica-se nesse trecho:

“É agora a imagem da cultura material, ou o desenvolvimento dessa cultura através de fotografias tomadas em períodos diferentes, que se está procurando fixar. Como a fotografia, além de captar uma amplitude maior que a do olho nu, (do cientista) fixa um campo que o olhar deixa de ver, retém o material colhido, que a memória seleciona e esquece e passa a constituir uma técnica auxiliar de pesquisa e arquivamento dispendioso, mas da maior importância.”³⁸

Isso demonstra a importância não só pelo que está na fotografia, mas o valor da própria fotografia em si. A análise da história pela fotografia é feita por quem a observa, o ângulo observado a imagem selecionada, dando um caráter informativo diverso do da documentação escrita, pois a imagem não necessita necessariamente de uma decodificação padrão, como as palavras em fontes escritas. Porém, a autora analisa os retratos de família como material de pesquisa, chegando à conclusão de que as fotografias têm suas limitações, como se vê:

“Escolheu-se um tipo específico de documentação fotográfica – os retratos de família – onde, dada a sua condição limite (são as fotografias mais difundidas, encontradas regularmente em maior ou menor número, com algum membro da família, ou todos eles) tentar-se-á examinar melhor as potencialidades da documentação fotográfica para uma compreensão histórica, em suas características e limitações.”³⁹

Os retratos passaram em seu estudo, duas hipóteses antagônicas: o legitimador afirmando a força e a união da família unidos por uma imagem de um dado instante e, o conflitioso, que seria a tentativa de representação do que gostariam que a família fosse, limitando o que realmente é visto a princípio na fotografia, definindo em sua análise preliminar:

“Embora a imagem, sim, tenha um papel sagrado, social e psicológico que ainda está por delinear, esse papel não implica em revelações de vários níveis, que levem a uma compreensão mais abrangente de seu conteúdo. Idéias, teorias, sentimentos e deduções não são transponíveis para a imagem fixa e isolada, embora a imagem móvel, ou as séries de imagens, contando com o engenho de quem as examina e reúne, possam vir a exprimi-los.”⁴⁰

³⁸ MOREIRA LEITE, Miriam L. Fotografias de Família. Cadernos CERU. São Paulo, n 18. P,80.

³⁹ Ibidem, p. 81.

⁴⁰ Ibidem, p. 85.

Mesmo diante de todas essas limitações postas pela autora, o historiador e crítico Boris Kossoy, faz um comentário bastante relevante no que diz respeito a escassez de estudos sobre a história da fotografia. Tanto no Brasil como nos outros países a utilização de fotos relacionada a temas específicos é predominante, como objeto de pesquisa, apesar das dificuldades de material.

Para o historiador, a fotografia serve como um testemunho de uma criação, ou criação de um testemunho, em que o pesquisador é agente atuante, por meio de seu conhecimento visual em analisar um fato passado com uma nova descoberta presente, possibilitando o prosseguimento de seu trabalho. Tendo a imprensa um importante papel em sua disseminação, o que contribui à sua multiplicação, claro após passar por todas as etapas: fotógrafo, tecnologia dos equipamentos, assunto, técnica empregada e os materiais de revelação, aí sim ganha corpo, e torna-se objeto de pesquisa, como podemos vê:

“A eleição de um aspecto determinado(...) A preocupação na organização visual dos detalhes que contrapõem o assunto, bem como a exploração são fatores que influirão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal.”⁴¹

Mostrando que o papel do fotógrafo é preponderante no registro histórico, porém não é o único, cabendo ao pesquisador utilizar de todos os mecanismos possíveis para não cair em falsos testemunhos, levados tão somente pela intenção de quem está fotografando.

Levanto essa questão pois, quando se estuda fotografia na história, tem-se a idéia de que está trabalhando com fontes irrefutáveis, porque desde sua criação ela foi vista como a máquina de reproduzir o real, chegando com essa imagem até os dias de hoje. Por isso, é de suma importância o cuidado que se deve ter quando trabalha-se com fotografias.

Foi realizada uma exposição na França, em Paris com o intuito de demonstrar a utilização da fotografia nos regimes totalitários, tendo a intenção de falsificar a história, criar acontecimentos e episódios. Mostrando que o fotógrafo é capaz de dar um retoque, se julgar necessário para melhorar a expressão de uma noiva para torná-la mais sensual,

⁴¹ KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1989, p. 27.

como também de inventar grandes acontecimentos históricos, capaz de influenciar as pesquisas, como podemos ver:

“Com uma câmara na mão e um tirano no comando, uma ditadura é capaz tanto de produzir como de retirar idéias da cabeça de seu povo. Retoques, montagens, reenquadramentos toda uma gama de truques tem sido usada à exaustão para ressaltar a figura do ditador ou para apagar os vestígios de seus adversários.”⁴²

Esse estudo foi feito pelo jornalista, escritor e cineasta Alain Jaubert, que se deparou com a falsificação de cenas históricas inteiras, como a tomada do palácio de inverno de Petrogrado em 1917, na revolução bolchevique que está em todos os livros de história, e foi tirada três anos depois do acontecido por um grupo teatral de Moscou, para celebrar a revolução. O autor ainda afirma que, as ditaduras são as que mais se utilizam deste método; um motivo a mais para o cuidado na análise da imagem de Guevara tirada por Alberto Korda. Segundo o autor, esse método de manipulação serve para estabelecer a sua relação de poder. Já na democracia, fica mais fácil denunciar as fraudes ou descobri-las. Entretanto, existiu também casos na Segunda Guerra Mundial com soldados americanos, em que fotos foram manipuladas em algumas batalhas para satisfazer o ego de alguns militares. Contudo, verifica-se uma relação individual entre fotógrafo e fotografado sem a ação direta do governo. Mas, não podemos esquecer os fotógrafos oficiais encarregados de apresentar seus líderes sempre em posições serenas e confortáveis, tanto nas ditaduras como nos governos democráticos.

Nas ditaduras o cuidado com a imagem vem de longa data. Napoleão Bonaparte, usava o pintor David como fiel reproduzidor de sua imagem heróica. Na Itália, Benito Mussolini tinha sua equipe de fotógrafos pronta para reproduzir e divulgar as imagens de propaganda do regime, assim como Adolph Hitler e Getúlio Vargas entre outros, mostrando seu papel, como é mostrado: “O retoque para rejuvenescer o líder, ressaltar os seus traços mais enérgicos ou limpar a paisagem em volta – num esforço para realçar a magia da solidão do poder – É moeda corrente nas ditaduras.”⁴³

Nesse trabalho, verifiquei por meio de pesquisas, que o fotógrafo Alberto Korda nunca foi fotógrafo oficial de Fidel Castro ou de alguma outra personalidade do governo cubano, e sim trabalhou por muitos anos a serviço do jornal *Revolucion*, esse sim estatal

⁴² TOLEDO, Roberto Pompeu de. “Pode Ilusionista”. In: Revista Veja. São Paulo, 5 de novembro. 1986, p. 156.

⁴³ Ibidem, p. 158.

como tantos outros, como pode ser visto no capítulo anterior. O que leva relevância no momento de estar a avaliar o objeto pesquisado.

Todo esse processo está ligado a questão da reprodução, que o autor Walter Benjamin denomina de reprodutibilidade da obra de arte, que permite que ela esteja em todos os lugares uma (existência serial) e em todos tempos, porém essa possibilidade de reprodução de obras de arte e de outros objetos, muda a relação sujeito e objeto, ou seja a percepção não é inerente à coisa em si, perdendo o compromisso e a necessidade com o tradicional, podendo ser explicado, por meio da aura que significa tornar próximo aquilo que está ausente ou longe, sendo atrofiada a partir do momento de sua cópia ou reprodução. Quando a reprodução vai ao encontro do espectador, ela atualiza o objeto reproduzido possibilitando seu consumo pela grande massa, tornando uma mercadoria e perdendo a sua autenticidade, como pode-se vê:

“A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquivava do homem através da reprodução, também o testemunho se perde.”⁴⁴

Verifica-se segundo Benjamin, que a partir do momento em que a fotografia é utilizada como veículo de reprodução, o valor do culto começa a recuar em todas as frentes, perdendo espaço ao valor de exposição. Isso significa que, o poder de reprodução e exposição ao público, ultrapassa o valor do culto a imagem analisada, como pode-se vê: “A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável. Porém, quando o homem se retira da fotografia, o valor de exposição supera pela primeira vez o valor de culto.”⁴⁵

Para o autor, o fotógrafo na melhor das hipóteses, pode ter um bom desempenho artístico, mas nunca será um artista. Isso, quando estiver fotografando uma obra de arte, pois se estiver em estúdio, não passará de um acontecimento fictício.

Nessas argumentações fica explícito o tratamento que é dado por ele em relação a fotografia, como um instrumento não artístico, voltado ao consumo da grande massa, que só contribui para o distanciamento de tradicionalismo.

⁴⁴ BENJAMIM, Walter. *Mágia e Técnica, Arte e Política*. Editora Brasiliense, p, 168.

⁴⁵ *Ibidem*, p, 174.

Para dar mais consistência às argumentações utilizo o autor John Berger, o qual trabalha com a intenção das imagens e suas multiplicações. Para ele, a arte passa a ser um objeto a partir do momento de sua reprodução, assemelhando ao pensamento de Walter Benjamin. O autor John Berger, utiliza o conceito de imagem, como sendo: “A palavra imagem significa imagem feita pelo homem. Uma imagem é uma vista que foi recriada ou reproduzida.”⁴⁶

Um conjunto de aparências, isolada do local e da época em que foi feita, conservada à posteridade. O surgimento da máquina fotográfica isolou aparências momentâneas, extraiu o modo de ver quadros e outras obras. Pois, quando se falava em visitar um museu renascentista para ver uma pintura, a mesma fazia parte da singularidade do local em que inseria sua análise. A partir do momento de sua reprodução, a imagem perde a sua singularidade, fragmenta-se em muitos significados, penetra em outras atmosferas e passa a ser vista em vários contextos diferentes. O espectador deixa de ir ao encontro da obra, e a mesma vem ao seu encontro, definindo: “Pode objectar-se que todas as reproduções distorcem mais ou menos e que portanto a obra original é ainda, de certo modo, única.”⁴⁷

A crítica do autor à reprodução, tem suas argumentações, uma das obras de Leonardo da Vinci “A virgem e o menino com Santa Ana e S. João Baptista”⁴⁸ que vende mais reproduções na forma de cartão, pela National Gallery, do que todas as suas obras juntas. Antes, conhecida apenas por alguns, tornou-se famosa após um americano tentar comprá-la por alguns milhões, virando notícia em todo o mundo. Com isso, ganhou um salão só para si, e uma proteção antibala, tudo graças ao seu valor de mercado, como pode-se vê: “A religiosidade beata que hoje envolve as obras de arte originais, e que depende, em última análise, da sua cotação no mercado, substitui o que as pinturas perderam quando a fotografia as tornou reproduzíveis.”⁴⁹

Possibilitando com que tenham admiradores de peças originais e não reproduções, entretanto, não se esquecendo que, agora repleto de leigos que, adquirem peças para satisfazer as cobiças que o mercado pede.

⁴⁶ BERGER, John. Modos de Ver. São Paulo: Martins Fontes, 1972, p. 13.

⁴⁷ Ibidem, p. 24.

⁴⁸ Ibidem, p. 45.

⁴⁹ Ibidem, p. 27.

Com toda a teoria apresentada, faz-se necessário a explicação do trabalho do fotógrafo Alberto Korda, sobre a sua fotografia de Guevara, analisada como tema central deste estudo. Em entrevista concedida a revista Caros Amigos, em sua vinda à São Paulo, para o jornalista Walter Firmo, explicando detalhes da mais célebre imagem.

O autor conta no início da entrevista que, a sua relação com Guevara, no começo não foi tão amistosa, pois o jornal o teria mandado fotografar, certa vez, uma partida de golfe, entre Fidel Castro e Guevara, e a cada movimento que fazia Korda fotografava, e quando estava ficando mais tranquilo e empolgado para fotografar Guevara, ele faz um comentário: “Está bom já, rapaz, não fotografe mais, parece um fotógrafo ianque! Você não vê que esses filmes custam divisas?”⁵⁰

Comenta ainda que, ele não gostava de publicidade em suas ações, e era o único ministro que em suas missões internacionais nunca levou fotógrafo da imprensa cubana. O fotógrafo Liborio Noval, que teve mais contato com ele por ser sempre escalado pelo jornal para fotografá-lo aos domingos, em seu trabalho voluntário, narra a proeza que era para conseguir algumas fotos, a que tinha que se sujeitar: “Guarda a tua câmara aí, venha trabalhar e vamos ver se dentro de algumas horas deixo você tirar algumas fotos.”⁵¹

Isso mostra, o grau de dificuldade que tinha que se passar para conseguir, alguns minutos de pose de Guevara, podendo estabelecer algumas hipóteses: de que não gostava de ser fotografado apesar de ter trabalhado como fotógrafo durante um período no México, ou de não se fotografar para apenas reforçar a sua imagem de um guerrilheiro convicto de seus deveres, que por sua vez não deixa de abrir a possibilidade ao culto de sua imagem. Porém, fica apenas as hipóteses pois, ao longo do estudo não consegui sustentação para tais argumentações teóricas.

A imagem que ficou imortalizada de Guevara, foi tirada no dia cinco de março de 1960, no sepultamento das vítimas do barco Francês La Coubre, como foi dito no capítulo anterior. Mas aqui, nos interessa os detalhes fotográficos descritos por Alberto Korda, para poder analisar a fotografia. O ato começou após às quatro da tarde, e Korda estava na rua trabalhando para o jornal, Revolucion do governo. Então a fotografia foi feita de baixo para cima, já que a tribuna era alta e ele estava no chão. Tinha sido orientado a fotografar todas as personalidades presentes: Fidel em seu discurso, Jean

⁵⁰ CAROS AMIGOS. A Vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo, edição especial, agosto de 2000, p. 9.

⁵¹ Ibidem, p. 9.

Paul Sartre, Dorticós, que naquele momento era presidente de Cuba, e todos os ministros presentes, porém, Guevara sentava na parte de trás das tribunas, utilizando uma máquina de marca Laika com lente 90 milímetros que, seria uma teleobjetiva, que serve para fotografar objetos que se encontram a distância, sendo muito utilizada entre fotógrafos e cinegrafistas de esportes para aproximar as imagens. No momento das fotos, Guevara se aproxima para a parte da frente da tribuna, como mostra nesse comentário:

“De repente dou com um espaço na tribuna em que não há nenhuma pessoa, parece que quem estava ali saiu, e vem o Che do segundo plano para a frente da tribuna e olha a multidão. A rua vinte e três estava coberta por milhares de pessoas até onde a vista alcançava.”⁵²

Foram no máximo quarenta e cinco segundos para tirar duas fotos, a primeira na horizontal e a segunda na vertical, tiradas em uma máquina manual, utilizando um filme “Tri-X”, de 100 ASA, apropriado para fotografias tiradas a luz do dia, demonstrando a maior sensibilidade do filme. O autor ainda alega, que os primeiros recortes feitos na fotografia original foram feitos por ele em sua revelação, como pode ser visto:

“Quando decido ampliar as fotos da prova de contato, vejo a do Che. Imediatamente, no ampliador a enquadro tirando o homem do lado e a palmeira. E chego a uma vertical que eu tinha tirado não me serviu porque aquele homem que aparece na esquerda quando eu tirei a segunda foto, ele continuou andando e passou com a cabeça atrás do ombro do Che.”⁵³

A fotografia acabou não sendo escolhida para a publicação, e nunca foi mostrada a Guevara por Korda, se viu foi por meio de uma publicação feita pelo jornal, anunciando o comparecimento de Guevara em um evento. O autor da fotografia ficou desconhecido por muitos anos, até que, em uma ocasião no México, a editora de uma revista de fotografia, El Progreso Fotográfico, Juliana Chime, o reconheceu e fez um artigo explicando a história da foto de Guevara, só assim, passou a ser reconhecido como o protagonista de tal proeza. Após, ver a sua fotografia girar o mundo em diversos produtos sem autor. Aqui podemos ver o negativo:

⁵² Ibidem, p. 10.

⁵³ Ibidem, p. 11.



Mostra, o impacto que os meios de comunicação possui para expandir um produto. Por meio da mídia, nota-se a propagação de valores, em que pode-se destacar o autor Umberto Eco:

“A cultura de massa não é típica de um regime capitalista, nasce numa sociedade em que toda a massa de cidadãos se vê participando, com direitos iguais de vida pública, dos consumos, da fruição das comunicações, nasce inevitavelmente em qualquer sociedade do tipo industrial. Toda vez que um grupo de poder, uma associação livre, um organismo político ou econômico se vê na contingência de comunicar-se com a totalidade dos cidadãos de um país, prescindindo dos vários níveis intelectuais, tem que socorrer aos movimentos de comunicação de massa, e sofre as regras inevitáveis da adequação a mídia.”⁵⁴

É natural, o uso do aparato eletrônico para propagar a imagem, já que atendia a esse fim, segundo Umberto Eco. Passa a ser comercializado, em todos os segmentos jovens com diversos significados, isso mostra a pertinência da discussão e a facilidade que se tem, em promover ou estimular determinado conteúdo, com o uso dos meios de comunicação.

⁵⁴ ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva. 1993, p. 44.

Capítulo 3: As diversas possibilidades de se ver Guevara

Como foi dito no capítulo 1, a fotografia original foi tirada de duas formas, a primeira com a máquina na vertical, que acabou nunca sendo utilizada, pois havia um ombro de outra pessoa tampando um pouco o corpo de Guevara, e a segunda tirada na horizontal, a qual se tornou a célebre imagem, que mesmo com algumas imperfeições ao fundo, como a parte de um rosto no canto da fotografia e folhas de uma palmeira ao fundo, não danificou a fotografia, pois Guevara apareceu por completo, sem falhas do tórax para cima. O interessante em tudo isso, é a capacidade que a mídia tem de fazer recortes na fotografia, mostrando ora o corpo e o rosto de Guevara, ora apenas seu rosto.

No final do século XX e início do XXI, essa fotografia de Che foi utilizada com muitas intenções, ora políticas, como símbolo de rebeldia, ora mercadológicas, inserido na moda, se é que nesses dias atuais existe essa separação. Vale lembrar que passamos, nesse momento, por uma total desilusão política em todo o mundo, como podemos observar nas afirmação de Altamira.

“Quem explica que em plena economia de mercado, sob vigência de idéias neoliberais e individualistas, uma juventude, que pede Rock pesado e rejeita a política, reivindique a figura do Che? Mas atenção: o Che era comunista! Estão reivindicando um comunista na era do fracasso do comunismo.”⁵⁵

Todavia, tudo isso não impede a inserção de sua imagem no mercado como sendo um produto altamente rentável e de fácil acesso na mídia, abrindo espaço ao processo de manipulação e distorção de sua figura.

“Ele parece representar, neste mundo consumista, um ideal de pureza, o paradigma do homem honesto, desprendido e em busca de aperfeiçoar sua personalidade. Além disso, morreu jovem, aos 39 anos, era bonito e ficava muito bem com a boina do exército!”⁵⁶

Com toda essa aparição, a imagem de Guevara ganha amplitude mundial, aparecendo em vários objetos como tema central: isqueiros, garrafas de bebida, bonés, camisinhas, filmes e até em biquínis.

⁵⁵ ALTAMIRA, Jorge. Che Guevara na História, In: Revolução Cubana: Histórias e problemas Atuais. S

⁵⁶ LARMER, Brook. Che. In: Revista Newsweek. Julho de 1997.

Um enorme alvoroço foi feito pela mídia quando Gisele Bündchen desfilou na passarela do São Paulo Fashion Week em 2002, como podemos ver com a imagem de Guevara estampada por todo biquíni, chegando a aparecer até na capa da famosíssima revista norte-americana Time.



A proposta inicial da empresa produtora de biquínis Cia. Marítima era usar flores cubanas, porém acabou não agradando o dono, com isso continuou a procura por algo que representasse o Caribe. O nome de Fidel nem foi cogitado, pois o dono da empresa Benny Rosset não achava ser uma imagem forte. Foi então que surgiu a sugestão por Guevara, porém não existiu nenhum fundo político em sua escolha, como podemos ver nesse trecho do empresário: “Não tem nenhuma mensagem, esclarece Rosset. Foi assim que, integrado a uma coleção cujo tema era exaltar a sensualidade da mulher latina, Guevara trocou as encostas da Sierra Maestra pelo corpo da modelo número um do mundo.”⁵⁷

Fabiana Kherlakian, diretora da empresa Cia. Marítima, colaborou no processo de criação, e conta que foi muito fácil utilizar essa foto. “Essa é uma estampa superpop, que está em camelôs do mundo inteiro. É uma coisa que toda hora volta.”⁵⁸

Assim como o empresário Benny Rosset, Fabiana também afirmou em outros trechos da entrevista, a total desvinculação a qualquer movimento político ou de

⁵⁷ BRUM, Eliane. Vida Eterna do Che. In: Revista Época. 22/07/2002.

⁵⁸ ASSIS, Diego. Che S. A. In: Folha de São Paulo. 09/05/04.

resistência. “Não tínhamos nenhuma pretensão de fazer política. A imagem do Che é só uma imagem POP como a do MICKEY. É uma imagem que se transforma ao longo dos anos. Em 2029 ela vai ter um outro significado.”⁵⁹

A vendagem foi tamanha, que a empresa Cia Marítima teve que fazer várias reedições e novas encomendas para suprir a necessidade do mercado, mesmo assim, atualmente encontra-se esgotado. Também passou pelo corpo de outras tops da moda, como a brasileira Adriana Lima e a tcheca Karolina Kurkova, dando o seu brilho ao biquíni.

Uma entrevistadora da Folha de São Paulo questionou Priscila Vianna, 30 anos, arquiteta, uma das compradoras do biquíni, qual teria sido o motivo da aquisição. A resposta foi simples: “Comprei só porque achei bonita a estampa, não é porque sou fã do Che Guevara, não! Tem quem use porque o admira e tem quem use porque é bonito.”⁶⁰

Que a imagem de Guevara sobrevive até os dias atuais, isso é fato consumado, como pode ser vista nessa passeata do movimento dos sem terra:



Podemos conviver com ela a todo instante nas universidades, e com seus fãs espalhados pelo mundo, mas o passeio nas curvas da top Gisele Bundchen gerou grande espanto por parte da crítica.

⁵⁹ Ibidem.

⁶⁰ Ibidem.

“O ícone comunista hoje alimenta o despudor hipercapitalista da indústria da moda”⁶¹

Outro crítico dessa comercialização de sua imagem foi o autor da fotografia Alberto Korda, como podemos perceber nesse trecho: “O capitalismo transformou o mito em mercadoria. Hoje os jovens usam a imagem de Che na roupa como se fosse um personagem da Disney. Perdeu a razão de ser.”⁶²

Logo após a sua morte, surgiu em Londres na Inglaterra uma boutique de roupas de vanguarda com o nome do guerrilheiro. A loja sobrevive até os dias de hoje, porém, de acordo com o dono, poucas pessoas ainda se interessam em saber o porque do nome, ou até mesmo quem foi.

Atletas também se tatuam com sua imagem consagrada, merecendo destaque o argentino Diego Maradona, que faz tratamento de desintoxicação em Cuba, como se vê: o ex-campeão mundial dos pesos pesados Mike Tyson.

Sua imagem também se propaga em estádios de futebol por todo o mundo. No Brasil podemos encontrar sua imagem estampada em bandeiras e camisetas dos torcedores, dos times do Cruzeiro, Atlético-PR e São Paulo, como podemos observar na figura e no depoimento de um membro da torcida, que seguem:



“Desde 1995, o guerrilheiro divide o lugar nas camisetas e bandeiras da torcida Independente, do São Paulo, com o Bombadão (um São Paulo cheio

⁶¹ Ibidem.

⁶² BRUM, Eliane. Vida Eterna do Che. In: Revista Época. 22/07/2002.

de músculos). As camisetas do Che vendem tão bem quanto as do Bombadão, diz Leandro Amendola, 18 anos, funcionário da lojinha da torcida."⁶³

Não podemos esquecer da internet, que tem vários sites especializados sobre sua vida, e também a venda de souvenirs.

*"Na internet, Che Guevara domina, qualquer site de busca indica páginas sobre ele. É possível encontrar trechos de filmes com seus discursos e de Fidel Castro, seleção de fotos, textos teóricos, análises e até como comprar button e camiseta com as famosas imagens de Che."*⁶⁴

Para o canadense John Trigiani, dono da maior loja de Guevara na Internet, o negócio não pára de crescer, e alega ter começado a investir, depois de ter ido várias vezes à Cuba visitar amigos, e sempre ter que trazer produtos e camisas aos amigos que ficavam, já que não poderiam comprar por causa do embargo econômico, decretado em 1961 pelo presidente Kennedy.



"O negócio, que começou no site de leilão e-Bay e hoje tem endereço próprio(www.thechestore.com), não pára de crescer, Produtos para todas as

⁶³ ANGIOLILLO, Francesca. Quem é Esse Cara? Folhateen, Folha de São Paulo, Segunda 10/05/2004.

⁶⁴ CAROS AMIGOS. A Vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo, Edição Especial, Agosto de 2000.

*suas necessidades Revolucionárias, é o slogan da loja, cuja clientela é constituída 85% por norte-americanos.*⁶⁵

Mesmo com toda repercussão, Alberto Korda afirma nunca ter imaginado que a foto tirada por ele pudesse se tornar um ícone mundial. Korda jamais recebeu direito autoral algum pela imagem, e só lucrou com um processo que ganhou contra a vodka Smirnoff, que utilizava sua foto na garrafa. O dinheiro ganho no processo foi doado a uma instituição em Cuba e a imagem retirada das garrafas, com a seguinte argumentação: “Sou contrário à exploração da imagem de Che... para qualquer objetivo que difame sua reputação”.⁶⁶

Porém, sua fotografia continua sendo pirateada em todo o mundo, em Nova York uma loja especializada em roupas para bebês demonstra na vitrine vários artigos infantis com sua imagem, na Austrália, um fabricante de sorvetes lançou um sabor “Cherry Guevara”, com sabores fortes e revolucionários, ainda na Austrália uma linha de esquis, a “Revolution”, lançou um concurso de sócias do Guevara afim de promover o produto. Uma linha de relógios suíços, a Swatch, lançou uma edição limitada de relógios com o rosto de Guevara, digno de colecionadores, levando a crer que: “Che ficou chique- ícone dos rebeldes de butique.”⁶⁷

Até a imagem de sua ossada, que se encontra em Cuba, foi explorada. Congressistas argentinos apresentaram ao presidente Néstor Kirchner um pedido de repatriação do corpo do líder, alegando que: “Eles dizem que, se Che era argentino, é na Argentina que ele, ou melhor, seus restos mortais devem ficar.”⁶⁸

Isso tudo, para tentar motivar o espírito patriótico do país, que enfrenta uma tremenda crise econômica.

A admiração da figura de Guevara chega até seus familiares. Sua filha Aleida Guevara, filha de seu segundo casamento com a cubana Aleida March, esteve em Porto Alegre no Fórum Social Mundial, e, junto a delegação cubana, Aleida, hoje médica pediatra, falou sobre seu pai e como é recebida pelas pessoas, o fascínio em vê-la, faz com que seja vista quase como uma relíquia viva, dito em seu comentário:

⁶⁵ ASSIS, Diego. Che S. A . In: Folha de São Paulo. 09/05/2004.

⁶⁶ WILLIAMS, A R. Plástica Radical em Che. In: National Geographic Brasil. Outubro de 2004.

⁶⁷ Ibidem, p. 26.

“Quem usa uma camiseta com o rosto de Che é porque quer compartilhar os valores daquele homem admirável. Esses jovens, em geral, são aqueles que não se conformam com a sociedade tal como ela é. Eles querem melhorar o mundo e a si mesmos. Não encaro esse gesto como um modismo, uma atitude superficial. Meu pai se tornou um símbolo do que a humanidade produziu de melhor”.⁶⁹

Gostaria de ressaltar que sua filha, em Cuba, toma conta de um museu que tem seu pai como homenageado, com várias peças em exposição, e seu nome dado ao museu, sendo um comentário bastante pessoal de sua parte e carregado de sentimentos.

Outra possibilidade levantada pelo caderno Folhateen, sobre sua forte representatividade perante os jovens, claro não descartando a moda, é de que estão muito mais ligados à sua personalidade do que a seus ideais. Uma entrevista realizada no México prova que sabem pouco sobre seus pensamentos. “Apesar de lembrar de conhecer sua existência há muitíssimo tempo, quase nenhum buscou mais informação do que a ouvida quando criança.”⁷⁰ Tendo como as palavras “idealismo”, “liberdade” e de “luta anti-E.U.A” a marca de sua personalidade.

Muitos delegam o título de herói de uma geração que lutou pelo que acreditava, como faz Tânia Álvarez, 19anos, estudante: “Também tem a ver com como se identificam os garotos de agora, uma geração brava, cheia de ansiedade, que procura a que se agarrar. Falta um ideal de seu próprio tempo”.⁷¹

Com isso, fica fácil delegar todo movimento de rebeldia a Guevara sem ao menos conhecer, quais eram as suas reais idéias e intenções. Um outro entrevistado aponta Alberto Korda como sendo o culpado dessa massificação, como podemos ver: “Seu look ajuda, essa foto que está por todo lado, que teve uma mensagem e que, depois, se tornou independente, se fizessem uma camiseta com outra imagem, ninguém saberia quem era”.⁷²

Isso tudo acontece por não saberem como surgiu tal imagem e também, para demonstrar o impacto que a fotografia tem em sua popularização.

Para a população moradora do vilarejo de Vallegrande, Guevara, depois que passou pela localidade, fez até chover, conforme relatos de uma menina anã, Virgilia Cabrita, então com 13 anos, que até foi citada em seu diário, comprovando que o

⁶⁸ Revista Época. História. Reivindicação Bizarra, 6 de Setembro de 2004.

⁶⁹ FUSER, Igor. Che Meu Pai. In: Revista Época, 27/01/2003.

⁷⁰ ANGIOLILLO, Francesca. Quem é Esse Cara. Folhateen, Folha de São Paulo, Segunda 10/05/2004.

⁷¹ Ibidem.

conheceu. Ela alega em seus momentos de imaginação que: “O Che olhou em algumas direções e anunciou onde haveria água. Nas fendas que seu olhar tocou, nasceu um rio. O Che nunca saiu destas montanhas. Es mi compañero.”⁷³

Hoje, com 50 anos ainda mora na mesma cabana de barro, porém com Guevara em suas orações.

Em outro vilarejo chamado La Higuera, existe uma rua batizada de Avenida 8 de Outubro, data em que Guevara foi preso. Essa avenida é utilizada por romeiros que fazem um culto a Guevara, e a sua imagem fica de pé em um pedestal branco. Muitos não sabem nem ao menos o que Guevara foi fazer na Bolívia, como podemos ver no depoimento da Irmã Rosado:

*“Eu não sei o que ele veio fazer na Bolívia, mas ele deve ter sido uma pessoa milagrosa. Quando temos dificuldades, ele nos ajuda -desde que passou por aqui, veio uma estrada, veio um cemitério, veio uma escola melhor. Sim, aqui a gente reza para San Ernesto”.*⁷⁴

Todo esse culto a figura de Guevara, segundo Paco Ignacio Taibo II, escritor de sua biografia “Ernesto Guevara, também conhecido como Che”, deve-se a tradição cristã dos países da América Latina em adorar pessoas torturadas, como podemos ver nesse trecho: “Na América Latina, com a terrível tradição cristã de se adorar santos cheios de feridas e cristos torturados, aquela imagem é necessariamente evocadora”.⁷⁵

Toda aquela exposição de Guevara nos tanques fazia parte do esquema do exército boliviano, em vender a versão de que o mesmo teria sido morto em combate, por isso que no ato de execução, em que levou 7 tiros, todos foram dados abaixo do pescoço, primeiro para não desfigurar seu rosto, e segundo para ficar parecendo que tinha sido morto em combate, o que acabou só contribuindo para a sua popularização.

O potencial mercadológico da imagem de Korda não passou em branco. Sua imagem tem sido explorada de todas as formas, como pode-se vê: contribuindo para o esvaziamento do que sua figura sempre quis passar em vida.

⁷² Ibidem.

⁷³ HARAZIM, Dorrit. O Triunfo Final de Che. In: Revista Veja 09/07/1997.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ TAIBO, Paco Ignacio. Ernesto Guevara, Também Conhecido como Che. São Paulo, Scritta, 1997, p.75.



“Há na moda, um boom-Guevara”⁷⁶

“De extremista político, a ícone de consumo”⁷⁷.

Segundo o historiador José Carlos Sebe, Guevara terá o mesmo destino inglório que a palavra “anarquia”, que virou nome de boutique, transformando-se no oposto do que propôs, mercadoria de consumo da burguesia, tendo a sua história anulada.

Para o sociólogo e professor da USP, Emir Sader, ficou apenas no pensamento a idéia de que, após os 30 anos de sua morte, Guevara seria definitivamente sepultado, porém, o que aconteceu foi a existência de vários Guevaras, com filmes, livros e outros. Para ele, que analisou as biografias lançadas e alguns artigos, fica a percepção de que querem passar a idéia de que Guevara foi apenas um aventureiro, como podemos ver:

“Nem sempre fica claro que não se tratava apenas de um projeto para a Bolívia, mas da construção de um pólo de irradiação e potencialização das lutas já existentes na Argentina, no Peru, no Uruguai, no Brasil, na Venezuela, na Colômbia, na Guatemala e na Nicarágua. Ignorado esse dado crucial do contexto histórico, o Che fica reduzido a um aventureiro, que vira héroi quando triunfa, mas cuja derrota confirma o estigma.”⁷⁸

A exploração da imagem de Guevara, não para apenas pelas grandes indústrias, até mesmo em Cuba em galerias de arte sua imagem é vendida como um ícone da

⁷⁶ ANGIOLILLO, Francesca. Quem é Esse Cara! Folhateen, Folha de São Paulo, Segunda 10/05/2004.

⁷⁷ WILLIAMS, A R. Plástica Radical em Che. In: National Geographic Brasil, Outubro de 2004.

revolução, como se vê: os turistas compram como souvenir. Também, no Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, realizado em Havana 1997, indignou a estudante brasileira Luciana Bento, que comentou: “Muitos se indignaram com a quantidade de produtos Che à venda no festival. Afinal, não é o capitalismo que transforma tudo em mercadoria, empacota e vende?”⁷⁹

Com a estréia mundial, do filme “Diário de motocicleta” do diretor Walter Salles, que foi considerado mais um produto do interesse da indústria pela figura de Guevara, segundo o dono do site que mais vende produtos nesse segmento, John Trigiani, que argumenta também, que estréias como essa é uma ótima propaganda para sua empresa. E deverá ampliar com a estréia em 2005, com Benicio Del Toro, como Guevara e direção de Steven Soderbergh, o mesmo diretor de “Traffic”, como podemos ver: “O filme vai funcionar como uma baita propaganda gratuita.”⁸⁰

O ex-guerrilheiro e amigo de Guevara, Dariel Alarcón Ramirez, mais conhecido como Comandante Benigno, acusa o governo cubano de utilizar a ossada de Guevara como uma forma de ganho financeiro, alegando que a sua descoberta foi planejada, pois em 1997 fazia 30 anos de sua morte, como podemos ver:

“É evidente que esse momento já estava preparado há muito tempo. O objetivo é levar turismo a Cuba. O mausoléu vai se transformar num centro turístico mundial e em dólares que vão diretamente para o bolso de Fidel, não para o povo.”⁸¹

Afirma ainda que, toda vez que Fidel Castro em seu discurso pega a fotografia tirada por Alberto Korda e agita, invocando o povo cubano a resistir contra as adversidades, é certo que o povo será mais sacrificado. O guerrilheiro não se conforma com a exploração de Guevara, no seu aniversário de 30 anos de morte, como nota-se:

“É triste que tenha que ser um cubano a dizer isso, mas essa comemoração é uma ofensa à memória e aos princípios nobres pelos quais morreu o Che. Ele ficaria revoltado com o que está acontecendo em Cuba.”⁸²

⁷⁸ SADER, Emir. Guevara, Vivo ou Morto. Jornal de Resenhas, Folha de São Paulo, Sábado 12 de Julho de 1997.

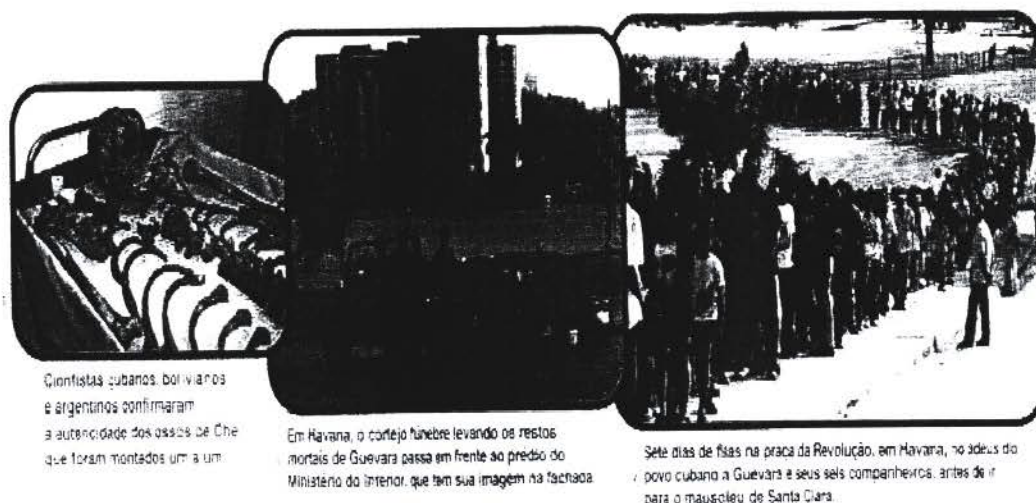
⁷⁹ CAROS AMIGOS. A Vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo, Edição Especial, 08/2000.

⁸⁰ ANGIOLILLO, Francesca. Quem é Esse Cara! Folhateen, Folha de São Paulo, Segunda 10/05/2004.

⁸¹ FORGANES, Rosely. A Traição do Comandante. In: Isto É. 08/10/97.

⁸² Ibidem.

Como prova de tal rebuliço pelo aniversário, as maiores redes de TV do mundo acompanham as escavações, produzindo documentários e registrando todas as etapas, gerando até denúncias de falcatruas em que uma produtora detentora da exclusividade da filmagem, tivesse vendido todo o seu material à CBS americana por 10.000 dólares, pois era uma pequena emissora de um assessor, do Ministério do Desenvolvimento Humano da Bolívia. Já em Cuba, todos os preparativos para receber a ossada estavam prontos, o povo cubano queriam dar o seu adeus a Guevara, como se vê:



“Sete dias de filas na praça da Revolução, em Havana, no adeus do povo cubano a Guevara.”⁸³

Todos os processos que foram abordados nesse capítulo, nos mostram as várias possibilidades em que a imagem de Guevara é utilizada de forma despolitizada, tornando-se uma mercadoria de consumo. Esse processo foi chamado por Osvaldo Coggiola, um crítico ferrenho, de seu segundo assassinato, que o transforma em um homem portador de uma moral inquestionável, e contribui para tornar uma grife ou um ídolo, ao em vez de ser reconhecido como um homem que deixou seu legado, nada mitológico, e longe de ser totalmente gloriosa, deixando de lado seu pensamento e suas ações, para então, consolidar seu status de ícone mundial.

Portanto, fica claro hoje as diversas possibilidades que se dá a Guevara, dependendo apenas de sua intenção, já que fica claro neste estudo, que sua imagem abrange os diversos segmentos sociais, do religioso ao mercadológico.

⁸³ CAROS AMIGOS. A vida e Morte de um Mito. Casa Amarela, São Paulo, Edição Especial, Agosto de 2000.

Considerações finais

Este estudo abordando a utilização da imagem de Guevara, pela mídia. Poderia ter caminhado por outras vertentes, porém, foi centrado em tentar entender como se dá, o surgimento e como era visto em vida pelos companheiros. Na tentativa de explicar o porquê de sua fama. Para isso, fez-se necessário optar em trabalhar com a fotografia tirada por Alberto Korda, quem teve forte influência no seu aparecimento em nível mundial.

Estudou-se a vida de Alberto Korda; seu passado, suas influências e sua importância, para então, caminhar no campo da história sustentado pelas teorias, em direção à discussão sobre a veracidade da fotografia, ou, a sua criação para reafirmar a imagem de Guevara como ídolo.

A utilização de sua imagem foi feita de várias formas e com muitos interesses. Por meio da análise de fontes e do proposto na discussão fica claro que, Alberto Korda, mesmo que indiretamente, teve a sua participação no sucesso da fotografia. Apropriou-se totalmente do conteúdo exposto, anulando todo seu passado e história, tornando-o peça de uma engrenagem.

Para o desenrolar da pesquisa, tive bastante dificuldade em trabalhar com autores, dentro da história, pois muitos não validam a fotografia, como sendo uma fonte documental confiável. Procurei então, fotógrafos conhecedores dessa “arte” para compreender melhor o processo, em sua análise e revelação, chegando a cursar a disciplina de Fotografia, oferecida na Universidade Federal de Uberlândia, para possibilitar um melhor entendimento do conteúdo encontrado, e adquirir argumentações fundamentadas sobre o assunto.

Em relação aos documentos sobre a vida de Guevara, não foi difícil encontrá-los, tanto em jornais, revistas, livros, internet, quanto em filmes como: “Diários de Motocicleta”, recém lançado e, outras produções que estão por vir. Sua imagem continua bastante forte na mídia, o que facilitou a procura de materiais para a realização desta pesquisa.

Creio que, este trabalho serviu-me de aprendizagem na produção científica e, só aumenta a minha admiração pela carreira de pesquisador que, apesar de requerer bastante trabalho, instiga-me cada vez mais. Dada a importância deste tema, espero que

esta pesquisa instigue os demais interessados em Guevara à trabalharem nas diversas vertentes relacionadas à ele, ou, à outra imagem que os incitem.

Bibliografia

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. **Ensaio sobre o Fotográfico**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998.

ALTAMIRA, Jorge. **Che Guevara na História**. In: **Revolução Cubana: Histórias e Problemas Atuais**. S. P. : Xamã, 1998, p.213.

ANDERSON, John Lee. **Che Guevara Uma Biografia**. São Paulo, Objetiva, 1997.

ANGIOLILLO, Francesca. **Quem é esse Cara?** Folhateen, Folha de São Paulo, Segunda 10/05/2004.

ARIAS, J. M.N. Disponível em < <http://www.escolas.com.r/historiaemfoco/hfoto.htm>.

ASSIS, Diego. **Che S. A.** In: Folha de São Paulo 09/05/2004.

BEIRÃO, Nirlindo. **O Destino Ideal**. In: Bravo!, Maio de 2004.

BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodução Mecânica**. Coleção Iluminations, Cape, Londres, 1970.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política**. Editora Brasiliense. 1992.

BERGER, John. **Modos de Ver**. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

BRUM, Eliane. **Vida Eterna do Che**. In: Revista Newsweek, Julho de 1997.

CAMARGO, Cláudio. **O Eterno Retorno**. Isto É, S. P. : Três, 8/10/1997

CAROS AMIGOS. **Vida e Morte de um Mito**. Casa Amarela, S. P> : Edição Especial, Agosto de 2000.

CASTAÑEDA, Jorg G. **Che Guevara a Vida em Vermelho**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

COGGIOLA, Osvaldo. **Revolução Cubana: História e Problemas Atuais**. São Paulo, Busca Vida, 1987.

COHN, Gabriel. (org). & Fernandes Florestan. ADORNO, T. W. (**Coleção Grandes Cientistas Sociais**) São Paulo: Ática, 1986.

DOCUMENTÁRIO: Canal Mundo – Biografia “Che Guevara”.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FANTÁSTICO: **Rede Globo de Televisão**. Reportagem concedida em agosto de 2004, por Alberto Granado.

FIDEL. Biografia não Autorizada.

FIDEL CASTRO. Em **Lockood Castro's Cuba, Cuba's Fidel**, Nova York, Mcmillam Company, 1967.

FORGANES, Rosely. **A Traição do Comandante**. Isto É, S. P. : Três. 8/10/1997.

FUZER, Igor. **Che Meu Pai**. Época, S. P. : Globo, 27/01/2003.

GONÇALVES, José Alberto. **Camarada Ernesto**. In: Super interessante, agosto 2003.

GUEVARA, Ernesto. **Escritos 4 Discursos**. Editorial de Ciências Sociales, 1977.

HARAZIM, Donit. **O Triunfo Final de Che**. Veja, S. P. : Abril, 9/07/1997.

JEHOVAH, F. **Fundamentos do Jornalismo Fotográfico**. São Paulo: Editora Íris, 1965.

KOSSOK, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

KOUTZII, Flávio. **Ensaio e Testemunhas: Che 20 Anos Depois**. São Paulo, Busca Vida, 1987.

LABAKI, Amir. **Documentários Reforçam a Onda Che**. Folha de São Paulo, S. P., 1997.

LARMER, Brook. **Che**. In: Revista Newsweek Julho 1997.

LOVINY, Christophe & Silvestri – Lévi. Alessandra. **Cuba por Korda**. 1ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MARSON, Adalberto. **Reflexões sobre o Procedimento Histórico**. In: Silva, Marcos A. da. (org). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

MOREIRA Leite, Miriam L. **Fotografias de Família**. Cadernos Ceru. São Paulo, 1987. Revista Época. **História. Reivindicação Bizarra**, 06/09/2004.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROLDAN, Andrés. **Che Guevara**. In: Prensa Obrera, nº. 548. Buenos Aires, 17/07/1997.

SADER, Emir. **Guevara, Vivo ou Morto**. Folha de São Paulo, S. P. , 12/07/1997.

TAIBO, Paco Ignácio. **Ernesto Guevara, também conhecido como Che**. São Paulo, Scritta, 1997.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **“Poder Ilusionista”**. In: Revista Veja. São Paulo 05/11/1986.

WILLIANS, A. R. **Plástica Radical em Che**. In: National Geographic Brasil. Outubro 2004.

Locais de Pesquisa

Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia